



CULTURA ESCOLAR E A CRISE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A CARTILHA COMO EXPRESSÃO DA LIMITAÇÃO E DA PERSISTÊNCIA DE PRÁTICAS.

Márcia Cicci ROMERO¹;

Élida Cristina Silva FERREIRA²;

1. INTRODUÇÃO

A crise da educação no Brasil é um tema amplamente debatido, mas muitas vezes tratado de forma superficial, sem uma análise mais profunda de suas causas e implicações. Nesse contexto, Azanha (1990) critica a abordagem simplista com que o problema é tratado e defende a necessidade de compreender a crise educacional a partir do estudo da cultura escolar. Para o autor, a crise da educação integra uma crise política mais ampla e não pode ser explicada apenas por indicadores quantitativos, como taxas de reprovação ou evasão escolar, que ele considera “falsos objetos” de análise. Azanha (1990) rejeita a visão “fabril” da escola, que a reduz a uma instituição de produção e resultados, propondo entendê-la como uma instituição com cultura própria, um “precipitado da história”, cuja compreensão exige investigar suas práticas, valores e significados cotidianos.

Nessa perspectiva, estudar a cultura escolar implica considerar os materiais, os discursos e as práticas que contribuíram para a formação histórica da escola. Conforme Julia (2001, p. 10), a cultura escolar é “um conjunto de normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes”. Essa definição evidencia o caráter histórico, normativo e conflituoso da cultura escolar. É nesse arcabouço conceitual que Mortatti (2000) analisa a cartilha como artefato central na história da alfabetização brasileira. Mais do que um simples instrumento didático, a cartilha constitui um objeto cultural que moldou concepções de leitura e escrita, consolidando práticas pedagógicas tradicionais. A persistência dessa “cultura da cartilha”, mesmo diante de inovações teóricas,

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia- MG, marciacromero@yahoo.com.br, ORCID 0000-0002-0993-389X

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia- MG, elidacristinas@gmail.com ORCID 0000-0002-6036-790X





revela um “pacto secular” que perpetua uma visão mecanicista da alfabetização (Mortatti, 2000).

Segundo Mortatti (2000), a cartilha consolidou-se no contexto da organização republicana da instrução pública, tornando-se o principal instrumento de escolarização das práticas de leitura e escrita e associando o ensino à questão dos métodos. No final do século XIX, predominava o método sintético, centrado na soletração e silabação. Já no início do século XX, sob influência da pedagogia norte-americana, difundiu-se o método analítico, que partia de frases ou “historietas” para chegar às partes menores. A partir da década de 1930, surgiram os métodos mistos ou ecléticos, combinando as abordagens anteriores. Mesmo com o advento das perspectivas construtivistas e interacionistas nas décadas seguintes, a autora observa que a cultura pedagógica da cartilha permaneceu, limitando a alfabetização a um processo mecânico de memorização e reduzindo o texto a uma sequência de frases graduadas. Assim, para Mortatti (2000), a cartilha expressa uma dimensão normativa e tradicional da cultura escolar, que resiste às inovações metodológicas e perpetua práticas consolidadas no cotidiano da sala de aula.

A justificativa deste estudo reside na urgência de romper com a superficialidade da análise educacional, conforme propõe Azanha (1990), articulando a crítica conceitual da crise com um exemplo histórico-pedagógico concreto de sua manifestação. Ao utilizar o caso da cartilha, este trabalho busca demonstrar como a cultura escolar perpetua práticas tradicionais e limita a autonomia pedagógica, tornando-se relevante para o campo da História da Educação ao ressignificar o papel dos artefatos e tradições escolares. Ademais, a pesquisa sobre cultura escolar ganha relevância ao buscar “resgatar as culturas na escola e ressignificar a cultura da escola” (SILVA, 2006), reconhecendo-a como um conjunto dinâmico e plural.

O presente estudo possui o objetivo de aprofundar a discussão sobre a crise na educação brasileira, utilizando o artefato da cartilha como um exemplo de como a cultura escolar perpetua práticas tradicionais. Para tanto, busca-se analisar as convergências teóricas entre Azanha (1990), Mortatti (2000) e Silva (2006) para fundamentar a compreensão da cultura escolar como fenômeno histórico, dinâmico e multifacetado, essencial para uma crítica não reducionista da realidade educacional.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi conduzido sob a metodologia de Pesquisa Bibliográfica e Exploratória, um delineamento que permitiu mergulhar profundamente nas obras centrais do pensamento educacional brasileiro. A etapa inicial consistiu em mapear criticamente as





perspectivas teóricas sobre a cultura escolar e a crise educacional, estabelecendo um *corpus* de análise rigorosamente selecionado. Esse conjunto de referências, com destaque para Azanha (1990), Mortatti (2000) e Silva (2006), não apenas forneceu o fundamento conceitual, mas também garantiu a representatividade de diferentes períodos e focos de crítica dentro da história da educação.

O processo de análise foi estruturado pela Análise de Conteúdo Temática, focada na identificação e articulação de categorias conceituais que emergiram dos textos. Os procedimentos foram organizados de forma a construir um diálogo coeso entre os autores. Primeiramente, buscou-se a identificação das críticas de Azanha (1990), que desvelam a visão "fabril" da escola, uma metáfora que denuncia a padronização e a ênfase em resultados quantificáveis. Em seguida, essa crítica conceitual foi confrontada com a análise do papel da cartilha (Mortatti, 2000), que serve como a materialização histórica e prática da cultura tradicional e mecanicista da alfabetização, representando o produto mais visível do modelo "fabril" no cotidiano escolar.

O terceiro e último procedimento central consistiu na articulação desses achados com a contextualização historiográfica de Silva (2006). A obra de Silva forneceu o panorama temporal e crítico necessário para entender a persistência dessas práticas e a profundidade da crise educacional. Ao conectar a crítica da estrutura (Azanha), o símbolo da prática (Mortatti) e a base histórica (Silva), essa abordagem metodológica não se limitou à descrição de ideias, mas permitiu construir uma discussão coesa e argumentativa. Assim, o estudo conseguiu ligar as raízes conceituais da crise educacional à sua manifestação prática e histórica na cultura escolar.

3. RESULTADOS, RESULTADOS PRÉVIOS/ESPERADOS E DISCUSSÃO

A análise da produção bibliográfica de Azanha (1990), Mortatti (2000) e Silva (2006) permite a construção de um quadro conceitual consistente sobre a cultura escolar e sua relação intrínseca com a crise educacional brasileira. Tal abordagem confirma a perspectiva de que a superação dessa crise exige uma reflexão mais profunda, que transcenda os indicadores quantitativos e alcance a dimensão cultural das práticas escolares.

Inicialmente, a discussão se apoia em Azanha (1990) para refutar a visão "fabril" ou "taylorista" da escola, que restringe a avaliação da qualidade do ensino à mensuração de "resultados objetivos", como evasão e reprovação. O autor ressalta que o verdadeiro objeto de análise é a cultura escolar, um "precipitado da história", cuja complexidade revela práticas, valores e interesses historicamente constituídos. A partir dessa crítica, Azanha (1990) legitima





a necessidade de um programa de pesquisa que realize um “mapeamento cultural da escola”, de modo a compreender a gênese e o funcionamento de suas práticas.

Neste ponto, é relevante resgatar a noção de trabalho e a prática do ofício, conforme discutido por Antoine Prost (2020) em *Doze Lições sobre a História*. "A análise de Prost sobre o conceito de trabalho ajuda a entender o cotidiano da escola. Afinal, o trabalho do professor (ensinar, organizar as aulas e lidar com a cultura da classe) é o ponto principal de sua atividade profissional." A cultura escolar, então, pode ser vista como a sedimentação das práticas desse ofício. A persistência da cartilha, por exemplo, não é apenas um material didático, mas a materialização de uma maneira de *trabalhar* a alfabetização, uma prática cristalizada que se torna resistência à mudança. Desse modo, a crise da educação se manifesta como uma crise do próprio ofício docente, aprisionado a artefatos e metodologias que limitam a autonomia e a criatividade no seu trabalho (Prost, 2020).

Em seguida, o foco recai sobre a materialidade dessa cultura. A análise de Mortatti (2000) acerca da cartilha revela um aspecto central: a persistência de uma cultura pedagógica que resiste às mudanças curriculares e teóricas. A cartilha funcionou, historicamente, como o principal veículo de escolarização das práticas de leitura e escrita, restringindo a alfabetização a um processo mecânico e instrumental. Nesse sentido, a cartilha expressa o “pacto secular” que Mortatti (2000) critica, ao oferecer uma versão empobrecida e normativa da cultura letrada. A relevância desse achado está em demonstrar que a crise educacional também é sustentada pelos próprios artefatos e práticas tradicionais que a escola conserva.

Por fim, a contribuição de Silva (2006) permite situar essas análises no campo da História da Educação. A autora destaca que a cultura escolar, consolidada como conceito nas últimas décadas, deve ser compreendida como um conjunto dinâmico e plural de práticas, normas e rituais que conferem à escola uma identidade própria. As reflexões de Silva (2006) reforçam que a pesquisa deve considerar a complexidade dos tempos e espaços escolares, reconhecendo a cultura escolar como um campo de tensões entre as políticas educacionais e o cotidiano da sala de aula. Em síntese, os resultados dessas análises evidenciam que a crise educacional é uma manifestação das limitações da cultura escolar, validando a proposição de Azanha (1990) de que sua compreensão exige uma investigação profunda do fenômeno culturalmente construído.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos pensamentos de Azanha (1990), Mortatti (2000), Silva (2006) revela um consenso fundamental: a crise da educação brasileira não pode ser compreendida de forma





simplista ou superficial. Longe de ser um problema de “má qualidade” ou de “resultados objetivos” mensuráveis, como sugere Azanha (1990), a crise está enraizada na **cultura escolar**, um complexo sistema de práticas, normas e valores.

Azanha (1990) lança o primeiro olhar crítico ao rejeitar a visão “fabril” da escola e propor que a crise é um “precipitado da história”, exigindo um mapeamento cultural. Essa perspectiva é aprofundada por Mortatti (2000), que demonstra como um artefato específico—a cartilha—não é apenas um livro, mas um elemento central que moldou a própria cultura escolar. A cartilha, com seus métodos limitantes, perpetuou uma visão de alfabetização como habilidade instrumental e um “pacto secular” que subverte a criatividade e a autonomia de professores e alunos, entregando uma versão empobrecida da cultura letrada.

Silva (2006) contextualiza, a cultura escolar não é um conceito estático, mas um fenômeno dinâmico, multifacetado e historicamente construído. A crise educacional é, na verdade, uma manifestação visível das tensões e limitações dessa cultura, moldada por políticas, artefatos pedagógicos e a interação de diversas culturas no ambiente escolar. Como aponta Julia (2001, p. 10), a cultura escolar é um conjunto de “normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar”. Para encontrar soluções e superar a superficialidade na análise, o caminho é claro: professores, gestores e pesquisadores devem aprofundar a reflexão crítica sobre a cultura escolar, buscando transformá-la para edificar um sistema educacional mais democrático, inclusivo e significativo.

5. AGRADECIMENTOS/ AGÊNCIA DE FOMENTO

Agradecemos a CAPES que propiciou que uma das autoras tivesse bolsa por cerca de 11 meses.

REFERÊNCIAS

- AZANHA, J. M. P. Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas. **Revista USP**, São Paulo, n. 8, p. 65-69, nov. 1990/fev. 1991. Disponível em: http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/acervo_jmpa/PDF_SWF/158.pdf. Acesso em: 26 ago. 2025.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em:





<https://repositorio.unifesp.br/items/e9023977-ec31-43ec-802a-7ba9759d8ea2>. Acesso em 29 out. 2025.

MORTATTI, M. D. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular.

Cadernos Cedes, v. 20, n.52, p. 41-54, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Bt7RrtZ4TktqvRz9ZdbnMnj/?lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PROST, A. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2020. 287p.

SILVA, F. D.C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n28/n28a13.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Dezembro Janeiro Fevereiro 1990-1991

